

## A CAVERNA

Vamos adentrar num campo semelhante a um viajante que jamais pode deter seu caminhar entra numa caverna desconhecida e nada pode ver, e com muita cautela mede cada passo para não acordar a sagrada serpente que o sol feriu com seus raios e ela amedrontada se ocultou na obscura caverna. A serpente cujo odor inspirou a sabedoria das ébrias pitonisas. Neste momento, despertar a serpente é perder sua inspiração, e por isso o caminho nos exige a precaução do silêncio, como indicado por Harpócrates, que alguns confundiram com Hipócrates descendente de Asclépius o inspirador da medicina que como Moisés levantou a serpente sobre o sagrado bastão. Então seguindo o sagrado conselho, do inocente infante que toca com seu indicador os lábios, tratemos algumas revelações, mas levantar o véu será sempre para os corajosos que não temem adormecer ante o veneno da serpente.

Contam-nos a tradição que na antiga Grécia existia uma caverna, que ficava no flanco de uma montanha, indicada apenas por uma estrela secreta que os iniciadores indicavam para o Neophito seguir lhe servindo como guia, alguns dizem ser a estrela polar, outros dizem ser Vênus, mas ninguém sabe ao certo, pois essa escola exigia total voto de silêncio sobre seus mistérios, somente permitindo entregar a humanidade uma pequena parcela de sua sabedoria, que poucas vezes escorregava para fora de suas tábuas, e que eram reconhecidas por poucos, a maioria, a massa pisa nesse conhecimento sem nunca reconhecê-lo. O aspirante, após ter abnegado todas as vaidades e glórias do mundo, doando a tal obscura escola iniciática todos os seus bens, recebendo em troca um manto, um cajado e uma lamparina.



Encontrado tal caverna o iniciado contando, para enxergar nas trevas, apenas com a pequena chama de sua lamparina sendo a única fonte de luz do obscuro lugar. A umidade e os odores inebriantes já eram sentidos, ainda fora desse terrível lugar, por aquele que almejava sua sabedoria, a antiga sabedoria que é chamada por alguns iniciados de poder do verbo, seja lá o que isso quer ou queria dizer. Muitos recuaram e desistiram de tal iniciação, sem nem mesmo dar sequer um passo para o interior desta lúgubre caverna. Alguns desistiam logo após perceber que sua luz era muito fraca. Outros renunciavam logo que sua luz se apagava no início da jornada. Inclusive muitos apagavam sua chama ao vislumbrar o primeiro terror, o dragão que todo aspirante a sabedoria deveria encarar, poucos eram aqueles que como o ferro é atraído pelo ímã seguia em silêncio sua jornada em direção à sabedoria.

Quanto mais o iniciado caminhava, mais aspirava o peçonhento e inebriante odor que a cada passo adiante mais forte ficava. Nas paredes de tal templo estavam expostas estranhas figuras, hieróglifos obscuros dispostos numa série indicando a direção que deveria ser seguida, cada figura contava de forma arcaica a origem de todas as lendas de heróis que foram posteriormente contadas por muitos desses sábios e se espalharam pelo mundo. O iniciado poderia sair a qualquer momento, mas jamais poderia retornar, ou seja, aquele que não ia até o fim jamais o conheceria. Por isso muitos mitos e lendas ficaram incompletos. Também as figuras que dançavam conforme o movimento da chama, e por mais que fossem talhadas provavelmente a milhares de anos antes, pareciam ter vida própria e alguns ficavam tão encantados ou aterrorizados por tais efígies, que não retornavam jamais e morriam de fome sem perceber. Esquecer-se de alimentar a chama também era um grave erro, que muitas vezes custava sua vida, pois era muito difícil encontrar a saída sem ela. O resultado era que por todos os lados, para o terror de muitos, havia cadáveres.

Interessante que ao se aprofundarem em tal caminho, parecia que tudo ficava mais claro. Talvez porque os olhos se acostumaram com a escuridão, ou porque a chama de sua lanterna aumentava, ou os dois casos eram verdade.

Em um momento dramático destas terríveis provas, lhe é mostrado um homem que buscava a sabedoria, sacrificado e pendurado numa forca por seu pé entre duas árvores. Uma mulher portando em suas mãos um livro dourado reluzente, com figuras emblemáticas, provavelmente as figuras que estavam disseminadas por toda a caverna. Esse homem, conta-se que foi tristemente morto por seu irmão e alguns conspiradores que desejavam seu trono, ou seja, a sabedoria, que lhe permitia ordenar todo o reino, mas ele morre sem lhe passar o conhecimento ou a palavra mágica que realizava isso. Palavra que alguns diziam ser o lo-evohé, que as bacantes gritavam em seu êxtase de loucura. O iniciado aterrorizado percebe que o homem pendurado era o instrutor que lhe indicou e lhe iniciou no caminho e agora o acusava. Como se fosse ele quem ao tentar roubar seu conhecimento o matou.



Outra versão diz que ele é posto ao lado do verdadeiro ladrão assassino e julgado culpado em seu lugar por uma multidão de conspiradores que usavam máscaras de animais, para indicar que a massa prefere a mentira à verdade, a ignorância à sabedoria. Tudo deve ser passado em silêncio. Suas vestes são roubadas ficando ele completamente nu, simbolizando que as multidões preferem a forma e não o espírito, sua lanterna é colocada próximo ao livro sagrado.

Um sacerdote após lavar suas mãos pega o livro sagrado, e o condena, passando ele ao lugar de seu iniciador em seu suplício. Ele pendurado pelos pés é abandonado, seu rosto frente ao livro sagrado permanecendo nesse tedioso sofrimento não resta alternativa a não ser observar com a pequena luz de sua lanterna o que está no livro. Em algum momento nesta iniciação o silencioso aspirante percebe que como ele, tudo está invertido e assim alcança a sabedoria daquele vivo e sagrado alfabeto. O Sacerdote lhe espeta com um tridente netuniano e se ele não reage é solto de sua terrível prova. A bela sacerdotisa vestida com vestes verdes dá ao novo adepto vestes coloridas, lhe devolve seu cajado, sua lanterna, assim como lhe presenteia com o livro sagrado e um cálice que só pode ser usado para beber vinho ou água pura. E lhe instrui a somente ler o sagrado livro quando houver bebido vinho. Pois somente assim as letras podem ganhar vida. O agora sábio deveria retornar pelo mesmo caminho a que adentrou, porém sem jamais olhar para trás ou para os lados, caso isso ocorresse ou era morto, já que se diz que uma fera o seguia, ou era destituído de tudo e de todo o conhecimento que adquiriu isso por meios mágicos.



É claro que o texto não é verdadeiro e nem pressupõe verdades, e somente serve como o vinho para mera exaltação do espírito. O livro representa a parte imóvel do ensinamento, e diz-se que o livro alquímico de Abraão o judeu, foi uma cópia já adaptada deste mesmo livro, e que o grande farol de Alexandria possuía uma cópia das mais puras desse livro, que apesar de ter sua capa reluzente como o ouro, era na verdade de bronze e um sábio sacerdote (o mais sábio de todos) deveria poli-lo todos os dias para que não perdesse seu esplendor. Mesmo diversas catedrais europeias colocaram tal livro na mão de seus sábios, mesmo que muitos deles tenham apenas tido contato com cópias adulteradas ou incompletas desse livro. Pressupõe-se que nenhuma cópia original tenha sido encontrada desde a mais remota antiguidade. Que os Templários, os antigos Maçons, os autênticos rosa-cruzes o possuíam, inclusive alguns acreditam que seja este livro que foi enterrado junto ao seu criador e que preservou seu corpo como vivo. Alguns ainda dizem que os egípcios gravaram as mesmas figuras em seus templos, e que os judeus receberam cópias diretamente dos anjos. O que eu acredito ser mera fantasia e que tal livro não passa de fábula.

Aos Filhos de Hermes